



Diogo Faggiano. Fonte: divulgação.

## ENTREVISTA: Diogo Faggiano

Ivonete Pinto

Docente nos cursos de Cinema da UFPel, Vice-pres. da Abraccine - Assoc. Brasileira de Críticos de Cinema e co-editora da revista Teorema

A Primavera Árabe rende seus frutos no Brasil. A Orson, na edição nº 5, já trazia o tema da distopia e as manifestações de rua no Brasil, que de alguma maneira reverbera na caixa de ressonância da Primavera Árabe. Na 47ª edição do Festival de Cinema de Brasília, o diretor Diogo Faggiano, de 26 anos, mostrou seu curta *Bashar* (ver análise do filme nesta edição), produto de sua incursão pelo universo das manifestações egípcias que derrubaram o ditador Hosni Mubarak (ex-presidente do Egito, que governou o país por trinta anos, de 1981 a 2011), e que se concentra, como tema principal, na tentativa de derrubada de outro ditador: Bashar al-Assad. Al-Assad, no poder desde 2000, quando substituiu seu pai, até o fechamento desta edição ainda é o presidente, o que demonstra que se trata de um enredo em aberto. O interesse de Faggiano pelo incandescente tema dos movimentos sociais que pipocam no Oriente Médio foi o assunto principal desta rápida entrevista para a Orson em Brasília.

**ORSON** - Como se deu sua formação como cineasta?

**Faggiano** - Estudei na Escola de Comunicação e Artes da USP. Costumava trabalhar mais em roteiros nesta época, mas quando me formei as perspectivas não eram muito boas e não me via integrado à “grandiloquência da ficção paulista”.

**ORSON** - E como começou sua trajetória como diretor, efetivamente?

**Faggiano** - Ao acaso, eu estava trabalhando em um reality show na TV da Indonésia e acabei fazendo um documentário lá, chamado *A Última Fronteira*, sobre o colonialismo, filmado nas florestas da ilha de Sumatra.

**ORSON** – Deve ter sido uma aventura e tanto...

**Faggiano** – Fiquei 40 dias na Indonésia. Trabalhei na TV, fiz o documentário, peguei malária, voltei para o Brasil para montar o filme. Nele, acredito que consegui alcançar o elo entre ética e estética.

**ORSON** – Pode-se dizer que você pratica um cinema social?

**Faggiano** – Acredito na Torre de Babel. Acredito que podemos fazer a revolução política a partir do conceito da Torre de Babel.

**ORSON** – E é com este conceito que você realizou seu longa *A Revolução do Ano*? Como surgiu o projeto?

**Faggiano** – Em decorrência da Primavera Árabe, decidi ir para o Egito. Fui sozinho, só com uma câmera, aberto a fazer o que aparecesse. Foi no período de pré-eleição, pós Mubarak, em 2011. Fiquei no Egito por três semanas e voltei com material de pesquisa, muitas imagens. Chegando ao Brasil, a produtora Massa Real Filmes topou fazer o projeto do *A Revolução do Ano*, já como longa. Voltei para o Egito com o fotógrafo Gabriel Barrella e lá ficamos mais cinco semanas.

**ORSON** – Como vocês financiaram esse *A Revolução do Ano*?

**Faggiano** – Através do crowdfunding conseguimos 15 mil dólares.

**ORSON** – Como você conheceu o personagem Saleh Fekry, que carrega a câmera, e que câmera ele usava?

**Faggiano** – Nós usamos uma Canon T3I. Saleh usava uma Nikon comum, de turista, para não chamar a atenção. Ele é um amigo que mora no Cairo e vai para a Síria não para lutar, mas para ver *in loco* o que estava acontecendo.

**ORSON** – *Bashar* foi visto com reservas durante o debate do Festival de Brasília, em especial sobre a cena que sugere coito anal, numa metáfora grosseira sobre opressor-oprimido. Como você defenderia a cena?

**Faggiano** – *Bashar* é um filme “errado”. A coisa certa seria não fazer nada. Mas sobre a cena, não fui eu quem filmou. A ideia de um sírio currado por alguém usando máscara de macaco foi do próprio comediante (não posso revelar o nome dele, por questões de segurança dele). Esse comediante faz esquetes e a cena, vista isoladamente no filme, é mesmo para ser um corpo estranho, absurdo. Pode-se dizer que a inspiração vem de um Coppola, que mistura Wagner e Vietnã.

**ORSON** – A questão da religião muçulmana no filme é minimizada de propósito?

**Faggiano** – Sim, A Irmandade Muçulmana, que tem muita força no Egito, por exemplo, não é para mim uma questão religiosa, mas política.

**ORSON** – Em termos de referência, como você se vê situado?

**Faggiano** – Sou anti Michael Moore. E minha referência maior é Werner Herzog. Uma vez o encontrei em uma viagem e ele fez uma dedicatória em um livro seu, “Caminhando no Gelo”. Guardo com muito carinho (*mostra a imagem da dedicatória onde está escrito: “Stay loyal to your vision”*).

**ORSON** – Qual seu próximo projeto?

**Faggiano** – Um longa sobre o sistema bancário brasileiro. Tenho o desejo, e já fiz o convite, que Jean-Claude Bernardet seja o consultor do roteiro.

**ORSON** – Boa sorte.